

RASTROS DE UMA TESTEMUNHA: MEMÓRIAS DO CÁRCERE

Claudeci da Silva Ribeiro (PPGLI/UEPB)

Claudeci.ufcg@gmail.com

Ninguém se inferioriza
lembrando as violências
animais; seria absurdo,
porém, imaginar uma
pessoa vangloriar-se
com elas.

(Graciliano Ramos: V.I- 282)

1. INTRODUÇÃO

Iniciaremos este artigo contextualizando o leitor quanto ao período retratado na obra *Memórias do Cárcere*, um período histórico e social e porque não também individual e coletivo de um Brasil da década de 30. Em meio ao Governo Vargas e de uma tentativa frustrada da Intentona Comunista em novembro de 1935, em que o Partido Comunista Brasileiro tinha por objetivo a tomada do poder sob a chefia de Luís Carlos Prestes, se encontra Graciliano Ramos, o já escritor de dois livros publicados e então funcionário da Instrução pública de Alagoas. Em 03 de março de 1936, Graciliano Ramos é preso em Alagoas sem que lhe faculte alguma acusação, segundo Nelson Sodré (RAMOS: prefácio, p.29), "na verdade o que se pretendeu ferir [...] foi a cultura em nosso país, foi a possibilidade de alguém enxergar um pouco mais porque estuda e compreende", ou seja, quais seriam as reais causas pelas quais um cidadão fora considerado um desertor da "ordem" e fora preso sem saber os reais motivos desta prisão? Assim, encontra-se Graciliano Ramos.

Este artigo sobre o g nero memória se restringe a apresentar um recorte da experiência vivida pelo escritor alagoano durante o período, de quase um ano, em que ele esteve preso, de março de 1936 a janeiro de 1937. Logo, este estudo tem por objetivo analisar em que aspectos o g nero autobiografia se sobressai e/ou se articula com o g nero memória, de modo a

compor ou não uma linearidade na narrativa. Assim, procuraremos identificar como o autor se posiciona com os processos de alteridade, de memória individual e coletiva que se encontram nas relações sociais entre ele, seus familiares e entre as pessoas e os fatos político-sociais relatados na narrativa *Memórias do Cárcere* volume I, sem deixar de apresentar algumas informações do volume II. Na epígrafe deste trabalho percebe-se que do testemunho ao fato narrado encontraremos um autor preocupado em não ridicularizar ou vangloriar as vítimas de atrocidades, mas um autor preocupado com a escolha da palavra que defina o sentimento dos seres humanos que passaram pelo trauma da prisão.

Diante de rememorar os sofrimentos de si mesmo e dos outros, Graciliano passa dez anos para decidir testemunhar através da literatura sua experiência no cárcere, além de apresentar fatos da política e história do Brasil, que fazem da narrativa não apenas uma obra sobre memória, mas também assume o caráter de documento por relatar fatos de uma época do Brasil. Em Graciliano Ramos, o embricamento entre a vida e a literatura foi necessário para não cair no fanatismo revolucionário, já que o autor não fazia parte do Partido comunista na época em que fora preso, sobre isso, PINHO (2011- 23) diz que "distanciando-se do fato que sempre estaremos interessados pela vida do outro em narrativa, há um poder de contenção e síntese que a narrativa, não somente literária, potencializa", neste sentido o narrador-autor-personagem deste livro de memórias, muitas vezes, coloca o narrador em segundo plano para expressar seu lado humano aos fatos, sem deixar de mostrar os problemas enfrentados no convívio com outros prisioneiros, como a observação aos fatos relacionados à personalidade dos amigos presos, uns com tendências revolucionárias (Rodolfo Ghioldi, Secretário do Partido Comunista Argentino) e outros nem tanto como Graciliano Ramos.

Para Halbwachs (2003:71) as lembranças podem se organizar de duas maneiras: tanto se agrupando em torno de uma determinada pessoa, que as vê de seu ponto de vista, como se distribuindo dentro de uma sociedade grande ou pequena, da qual são imagens parciais, percebemos que esses dois tipos de lembranças permeiam o imaginário do escritor e muitas vezes uma se constitui da outra, como percebemos na seguinte passagem: "Nenhum relógio na vizinhança. Apenas, vozes remotas, confusas. O sujeito firme, encostado ao fuzil. Iria passar ali a noite, dormir em pé? Eu não tinha sono, mas ele, coitado, com certeza engolia bocejos, amolava-se." (RAMOS: I-53), há uma relação do escritor com uma lembrança individual de não estar com sono e outra coletiva quando ele percebe a presença de um sujeito que o está vigiando, então o formula um juízo de valor utilizando-se de um lirismo poético ao descrever o possível sono do sujeito como o de alguém que "engolia bocejos".

Mesmo estando diante de uma obra memorialista, o escritor deixa

suas marcas literárias no texto através do poder de síntese, buscando o essencial dos fatos, uma sintaxe bem elaborada, a palavra que melhor se encaixe ao que pretende dizer, em conclusões pontuais, como vemos nos trechos, respectivamente, (RAMOS v.I- 53;59;51): A higiene satisfazia-se com isso./ O desejo de fazer um livro na cadeia arrefecia; contudo apegava-me a ele, por não me ocorrer outro./ [...] e vivíamos de fato numa ditadura sem freio. Em outras partes o escritor utiliza-se da metalinguagem para descrever seu sentimento de aversão a qualquer tipo de saudade e por sentir-se atordoado, logo nesse trecho ele relaciona do seu passado com a maneira que se detém ao ofício de escritor, como se pudesse fugir para outra realidade:

[...] e queria endurecer o coração, eliminar o passado, fazer com ele o que faço quando emendo um período – riscar, engrossar os riscos e transformá-los em borrões, suprimir todas as letras, não deixar vestígio de ideias obliteradas. (RAMOS: I-56)

Provavelmente o fato do autor ser também o personagem, ele pode utilizar os recursos estéticos procurando enfatizar as lembranças mais significativas, como também omitir ou enfatizar determinadas situações, pois uma pessoa pode ter sido testemunha de um acontecimento e depois apenas lembrar partes de falas ou de escutas, ou se reportar a espaços guardados na mente que evocam determinadas lembranças, já que segundo Halbwachs (2003-75) “um acontecimento só toma lugar na série de fatos históricos algum tempo depois de ocorrido”. Portanto, somente bem mais tarde é que Graciliano, já debilitado da saúde, decidiu mexer no baú de suas lembranças, pois não conservara as notas do tempo da prisão, e começou a escrever este livro, que foi publicado em dois volumes em 1953, após sua morte. O primeiro volume é composto de uma introdução de Nelson Werneck Sodré e de duas partes: Viagens (com 33 capítulos) e Pavilhão dos Primários (31 capítulos), ao qual dedicaremos esse trabalho, e o segundo volume apresenta a terceira parte, Colônia Correccional (35 capítulos) e a quarta parte, Casa de Correção (27 capítulos), os curtos capítulos são expostos numa sequência cronológica dos fatos e dos lugares em que Graciliano esteve preso.

Em *Memórias do Cárcere V.I*, que narra desde os motivos que não o levaram a contar estas memórias antes, até apresentar as experiências e impressões que sua lembrança rememorou sobre as pessoas e os espaços que ocupou nas prisões por onde passou., pois segundo o autor ele “escreverá talvez asperezas, mas é delas que a vida é feita: inútil negá-las, contorná-las, envolvê-las em gaze. Contudo é indispensável um mínimo de tranqüilidade, é necessário afastar as miseriazinhas que nos envenenam” (RAMOS: I-34). Portanto, iremos nos deparar com o ponto de vista de uma experiência

individual e também coletiva de uma testemunha, o escritor Graciliano Ramos, que de acordo com Bosi (p. 235) apresenta como essa experiência se concretiza no livro, pois é a “força da palavra de Graciliano nestas memórias vem da sua coragem de relativizar tanto as versões alheias como as próprias, e muitas vezes a dúvida é expressa por uma pergunta: “Como iria comportar-me?”(RAMOS: I-67); “Em quem deveríamos confiar?” (RAMOS: I-285), falas estas que apresentam a incerteza daqueles que ali estão e não sabem o que está por vir.

2. ANÁLISE DOS RASTROS DE TESTEMUNHA(S)

A lembrança é um campo movediço, e aqueles que mergulham no processo das lembranças são postos em contato também com lacunas, esquecimentos, visões imprecisas, distanciamento ou aproximação dos fatos vividos individualmente ou em grupo. Para que as lacunas sirvam de pistas, Bosi (2002, 222-223) diz que a testemunha deve ser antes um observador arredio e perplexo do que um intérprete empenhado em dar uma explicação articulada dos valores, pois ele caminha por um terreno perigoso, onde é preciso medir bem as palavras para não dizer o que não sabe. Quanto a isto, Graciliano expressa nesta narrativa: registro de conversas ouvidas parcialmente, esquecimento de fatos e de por- menores quando ele se abstém de contar a conversa do capitão ao dizer “[...] se me decidisse a narrar por miúdo a conversa do capitão, tachar-me-iam de fantasista. Ou dar-me-iam crédito indivíduos que andassem no mundo da lua, idiotas ou românticos.” (R. v.1 -114), ou quando a lembrança é um esquecimento e diz “ não sei onde lavei as mãos e o rosto, esqueci pormenores, ignoro se havia água encanada ou lavatório com jarro.” (RAMOS: V.I-66), logo na escritas muitas coisas forma suprimidas ou deixadas sem explicação, outras foram apenas mencionadas.

As lembranças me apareciam juntas, confusas, sumiam-se de repente, deixando-me no interior dolorosos sulcos negros. Esses hiatos sucediam-se, afastavam-me da realidade, com certeza me davam ar esquisito e vago. (RAMOS: V.I-78)

Nos dois primeiros capítulos do livro o autor conta os motivos pelos quais o fizeram esperar dez anos para escrever estas memórias, e a partir do terceiro capítulo é que os fatos sob a experiência no cárcere começam a se desenrolar. Em três de março, Graciliano entregou os originais de seu livro

Angústia, a datilógrafa, d. Jeni, recebeu algumas visitas que o alertaram sobre alguns "possíveis crimes" que cometera e, logo deveria fugir para não ser preso, mas o escritor reflete a condição de um fugitivo e aguarda em casa a execução dos acontecimentos que se efetivam só a noitinha quando um oficial do exército chega, às sete horas da noite, para levá-los em um carro oficial, e sem expressar surpresa, Graciliano se despede da mulher e dos filhos, pega três livros que haviam chegado dos correios e acompanha o oficial. Este apaziguamento do autor revela que o mesmo não via em si motivo para ir preso, já que se considerava um "revolucionário chinfrim", e que suas armas eram "fracas e de papel, logo só poderiam ser manejadas no isolamento", no silêncio do ofício de um escritor.

Primeiro foi levado para o quartel do 20.º Batalhão e se encontra pensando sobre o levante do 3º Regimento e a revolução de Natal, onde "tudo se desarticulava, sombrio pessimismo anuviava as almas, tínhamos a impressão de viver numa bárbara colônia alemã. Pior: numa colônia italiana" (R. V.I-51), e o estado em que a literatura andava: "a literatura fugia da terra, andava num ambiente de sonho e loucura" (R. V.I -51), estas lembranças irão compor os fatos históricos que marcam esse período no Brasil, que segundo Walter Benjamin (In Seligmann-Silva, 2003-60)

Pode-se dizer que essa historiografia representaria mais um dos sonhos que penetram o umbral da nossa Era. Ao que tudo indica, estamos despertando desse sonho ou pesadelo- recorrente – do historicismo, que acreditou na possibilidade de se conhecer o passado "tal como ele de fato ocorreu".

No trecho a seguir uma inquietação tomava conta do narrador-personagem que ficara sem vontade de comer e inquieto sem se deter na leitura de um livro, e ao perceber a figura de um soldado que o vigiava, Graciliano se remete ao soldado de várias maneiras, ora como soldado imóvel, manequim teso, ou nas funções de espantalho, demonstrando não só a inutilidade da função, como se valendo de um vocabulário diverso para descrever uma única personagem, ou seja, os rastros do escritor vão se delineando no corpo do texto, e mesmo em situações desconcertantes pode-se encontrar um outro lado de compreensão, mais aprazível.

Estirei-me no colchão, vestido, o livro de José Geraldo aberto sobre o estômago vazio. Em jejum desde manhã, [...] Virando a cabeça, percebia à esquerda o soldado imóvel. Essa preocupação me parecia tão burlesca e tão estúpida que interrompia a leitura vã, ria-me, apesar de tudo. [...] passei em frente do manequim teso, sem me decidir a perguntar-lhe: provavelmente, nas funções de espantalho, a criatura

emudecia. (RAMOS: V.I-52; 53)

Grande observador das almas humanas, Graciliano Ramos várias vezes na obra reflete e questiona as qualidades dos outros que a ele são indiferentes, e motivo de sofrimento por não conseguir agir com o altruísmo inerente a certos personagens como aconteceu ao se encontrar com Miguel Baptista e este último se despediu dele dizendo-lhe: “- Adeus, Fulano. Até a volta. Confundi-me, gaguejei: - Não, Baptista, eu não volto. – Volta, sim, Isso é um equívoco, não tem importância. Dentro de uma semana tudo se esclarece. Adeus. Seja feliz.” (RAMOS: V.I-58); também percebido pelo interesse do Padre Falcão, que segundo o autor demonstrava uma solidariedade comprometida, e revela que “isso lá fora passaria despercebido; ali tinha valor imenso: é de coisas semelhantes que fazemos as nossas construções subterrâneas,” (R. v.1 -141); quando está no porão e tem seu pedido de um copo d’água atendido por um policial negro, o qual chama de “alma misericordiosa”, ele reflete que “precisamos viver no inferno, mergulhar nos subterrâneos sociais, para avaliar ações que não poderíamos entender aqui em cima.” (RAMOS: V.I – 154).

Em outra parte da narrativa, o Capitão Lobo lhe propõe emprestar dinheiro e ele recusa dizendo: “- Não preciso. Estou bem. Muito obrigado.” (R. V.I-108) e conclui que o oferecimento do oficial lhe causara uma confusão de sentimentos por não ter achado as palavras certas para se expressar, e julga que:

Realmente a desgraça nos ensina muito: sem ela, eu continuaria a julgar a humanidade incapaz de verdadeira nobreza. Eu passara a vida a considerar todos os bichos egoístas – e ali me surgia uma sensibilidade curiosa, diferente das outras, pelo menos uma nova aplicação do egoísmo, vista na fábula, mas nunca percebida na realidade. (RAMOS: V.I – 113)

A conclusão a qual o autor se refere na citação acima é considerada produto de uma memória coletiva, que para Halbwachs (2002-80) é nesse tipo de texto que se juntariam os pensamentos (impressões) dos indivíduos, o que pressupõe que cada um de nós deixasse por um momento de ser quem é. Logo voltaria a si, introduzindo em sua memória pontos de referência e divisões que traz prontas de fora. Logo os indivíduos que partilham uma mesma experiência, independente de suas posições sociais, se acham mais propensos a se solidarizarem com a causa do outro, já que o Capitão Lobo testemunhara ter passado por condições semelhantes ao dizer: “ Também já estive preso e vivi no exílio: viajei num porão de São Paulo à Europa.” (RAMOS:

Alguns presos seriam transferidos para a Região Sul do Brasil, no porão de um navio e dessa viagem o escritor relata não apenas experiências degradantes, mas tece juízos de valor sobre a condição humana. Encontramos marcas de autobiografia no texto de Graciliano, que de acordo com Costa Lima (In Klinger: 2007; p. 42), ele “discute a noção de autobiografia como gênero literário, tal como ela é definida desde o Romantismo, que considera a literatura como manifestação eloqüente (...) de um eu que aí, de modo direto ou transposto, se confessa”. Já segundo Mijaíl Bajtin (In Klinger: 2007, p. 43):

(...) não há identidade possível entre autor e personagem, nem sequer na autobiografia, porque não existe coincidência entre a experiência vivencial e a totalidade artística. [...] é o ‘valor biográfico’ que ordena a vivência da vida mesma e a narração da própria vida.”

No entanto, percebemos em tom memorialista na obra de Graciliano, quando este transforma sua vida passada na prisão e literatura, sob um olhar já maduro dos fatos ocorridos anos atrás. Algumas lembranças ficaram tão marcadas na vida do escritor que são repetidas propositadamente ao longo da narrativa como: o negro fornido que lhe dirigia uma pistola ao peito; as condições subumanas de higiene no porão, as náuseas causadas pelo cheiro da comida e o medo de abandonar o vício de fumar, o cuidado com a valise, a preocupação em ocultar algumas cédulas de dinheiro em um porta-moedas que escondia no bolso do pijama, pois viajavam com vagabundos e ladrões, políticos, figurões da sociedade, advogados, médicos, generais, e não podia confiar em ninguém, o colchão que era tão delgado com um varão do lastro que magoava seu espinhaço.

Constatamos momentos de resignação no enredo da narrativa, uma delas foi quando o escritor se viu em sua rede no porão e jogavam em cima dele cascas de tangerina, protestou furioso, mas ele se resignou em seguida e disse: “Inútil gritar. Um chiqueiro, evidentemente. Era como se fôssemos animais. (R. V.I – 167). A reação é suprimida pela consciência da personagem que sabe que nada que ela faça mudará a situação humilhante pela qual está passando, mas ele vê por outro lado esta situação, já que o odor forte das cascas da tangerina diminui o odor desagradável dos dejetos humanos que se instalara no porão.

A falta de ofício lhe inquietava e decidira que era preciso voltar a escrever, já que ali se exibiam aspectos inéditos da sociedade, mas no local em que se encontrara não havia condições para o ofício, mas um padeiro, cujos traços são pouco lembrados pelo escritor, lhe ofereceu seu camarote. Os momentos de escrita são assim descritas:

Fechava-me, aturdiava-me na composição. O espírito estava

lúcido, mas era lucidez esquisita: percebia tipos, ocorrências, em fragmentos; quando se tratava de estabelecer relação, surgiam cortes, hiatos, falhas alarmantes. (RAMOS: V.I-169)

Os rastros de lembranças ocorrem também quando o autor rememora fatos vividos em um passado distante do narrado. O narrador-personagem ao passar em Copacabana estranha as modificações ali existentes, além de acrescentar à cena um tom crítico-poético ao dizer: "contudo não reconhecia a velha praias, onde agora crescia a dura vegetação dos arranha-céus" (R. v. 1-190); também é relatado uma cena ocorrida na vida dele em forma de memória saudosista ao dizer que conseguia se acomodar com facilidade às circunstâncias, "percorrendo o sertão, muitas vezes, quando a noite descia, amarrei o cavalo a uma árvore, envolvi-me na capa, estirei-me na terra e dormi, tranqüilo e só." (R. V.I-197)

No Pavilhão do Primários as condições melhoraram um pouco, Graciliano decidira voltar a comer, disse enfim que se deitava como gente, na aparência, pois estava no meio de indivíduos importantes, e muitos foram percebidos pelo escritor, que retrata neste livro algumas características ou tece comentários sobre os mesmos, nos chamam atenção as descrições de: Rodolfo Ghioldi, dissera ser excelente orador; as manias do Capitão Mata, que dividia a cela com ele e era admirado por seu ofício de engomador (de uma maneira nada convencional, mas que surtia efeito), além de vários homens que chegaram do Pedro I, e do contato que tivera com pessoas de várias partes do mundo como argentinos (Sergio), italianos, ingleses como Lacerda e seus respectivos modos de ser. Assim, Graciliano nos apresenta um texto criado com resquícios de uma memória individual e também coletiva, de acordo com Halbwachs (p.97) "não esquecemos nada, mas essa proposição pode ser entendida em diferentes sentidos", é desse modo que o texto se apresenta como recortes de uma experiência, já que segundo Bergson (In Halbwachs: 2003, p.97)

O passado permanece inteiro em nossa memória, exatamente como foi par anos; mas certos obstáculos, em especial o comportamento de nosso cérebro, impedem que evoquem todas as suas partes. Em todo caso, as imagens dos acontecimentos passados estão completíssimas em nosso espírito (na parte inconsciente do nosso espírito), como páginas impressas nos livros que poderíamos abrir se o desejássemos, ainda que nunca mais venhamos a abri-los

Em uma análise mais detalhada notamos que o esquecimento parcial do Graciliano escritor era substituído por uma característica da personagem a ser descrita, como percebemos nas conclusões que ele tem deste

personagem: "O capitão do nariz comprido, esteve conosco dois ou três dias. Nunca lhe ouvi uma palavra, mas vi-o falar em excesso a grupos pequenos, afirmativo, açodado, e examinar os arredores com jeito de conspirador." (R. V. I-253). Naquele lugar era preciso ter cuidado com o que se via e ouvia, Graciliano assume que "por assim dizer adquirimos uma segunda natureza" (R. V.I -58)

Na cadeia sobra-nos tempo acumulamos as notícias mais insignificantes; às vezes as imaginações trabalham fora da realidade, surgem construções absurdas, e nem sabemos quando nos relacionam fatos verdadeiros ou quando sonham. (RAMOS: V.I - 215)

Uma ânsia tomava conta dos pensamentos dos presos por antecipação quando disseram que iriam mandar alguns presos pra Colônia correcional, pois enxergavam nela a miséria e o lugar da degradação completa, que levariam aqueles homens a condições ainda mais degradantes. Sempre eram ouvidas listas com os nomes dos presos que seriam transferidos e, a cada lista era novo sofrimento, mais um dos presos teriam o destino modificado, quase sempre pra pior. Caso interessante foi o de Dinarte Silveira que repetia com insistência o bordão "Queremos ir para a colônia Correcional" (R. V.I -337), e isso indignava o personagem Graciliano que se questionava não fazer parte desse "nós" aclamado pelo colega, e ele se questionava: "como podia um único ser querer falar em nome dos outros, onde estaria o poder de decisão?", mas será que ali eles teriam algum poder de decisão, acreditamos que não.

Mais uma vez o autor é surpreendido por pensamentos torpes sobre a condição dos seres humanos, ao pedir que o amigo Sebastião Hora pegasse o seu almoço e este lhe respondeu "-Não recebo prato de ninguém" (R. V.I -347), o escritor utiliza-se desse mal estar para descrever como a personagem Graciliano se sente magoado por supor atentar contra a dignidade de alguém, e quando o amigo lhe traz a comida no "quarto", ele não sabe como se desculpar e inicia-se um bate boca, cujo culpado era ele próprio Graciliano, são de situações a princípio sem valor algum, que boa parte daqueles que estão sob o regime prisional reagem. Graciliano testemunha que "não conservara na memória nenhuma daquelas frases ásperas" (R. V.I -350) ditas ao colega, mas é através da memória topográfica que ele se lembra do fato ocorrido, que de acordo com Seligmann-Silva (2003, 56), é também antes de tudo uma memória imagética: na arte da memória conectam-se as ideias que devem ser lembradas a imagens e, por sua vez, essas imagens a locais bem conhecidos. Os lugares ganham dimensões diversas em *Memórias do Cárcere*, ora os mesmos lugares causam repúdio, humilhação ao personagem, ora estes lugares são tomados por exemplos que fazem o ser humano se

reconhecer em seus aspectos mais íntimos, homem feito de uma condição frágil que por vezes se rebelam ou se apaziguam uns contra os outros. Nesse sentido os gêneros textuais autobiografia e memória se interrelacionam e formam uma tessitura de sentido ao texto, sendo o gênero memória mais presente em toda a obra.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua colaboração para a memória e a história dos fatos narrados em *Memórias do Cárcere*, Graciliano Ramos nos deixa um documento com suas impressões sobre o presente e o futuro, nos apresenta como as perseguições eram generalizadas e como pessoas foram presas sem nem ao menos serem julgadas culpadas ou inocentes. O período em que estas pessoas estiveram aprisionadas não se apagará facilmente das suas mentes, e quanto aos sobreviventes e à memória dos que tiveram suas vidas ceifadas pela intolerância de um regime político, cabe a literatura não apagar os fatos, mas colocá-los na medida e no tamanho que eles merecem, enfim ao alcance do público, mesmo que essa experiência surja de um trauma ou de rastros desse trauma, sempre estará na raiz de uma consciência.

A linguagem/escrita nasce de um vazio – a cultura, do sufocamento da natureza e o símbolo, de uma reescritura dolorosa do “real” que é vivido como um trauma. (SELIGMANN-SILVA. 2003,48)

Se pensarmos na prisão, quando estamos em liberdade, seria pensar no ressentimento que nos levaria para lá, pensar como um trauma é vasculhar o mais íntimo dessa situação é o que Graciliano nos apresentou nessa análise de *Memórias do Cárcere V.I*, uma recorrência da miséria humana vivida durante o Governo Vargas no Brasil, as injustiças feitas aos prisioneiros, às condições higiênicas precárias às quais eles se submetiam etc. E sob o ângulo do narrador-personagem observamos que havia um certo descontentamento na comunicação estabelecida com os outros presos, “uma falta de ânimo”, mas percebemos em Graciliano, apesar de tudo, um homem observador a tudo e a todos os fatos, mesmo apresentando nesta narrativa apenas aqueles que sua memória lembrou e logo selecionou. Para tanto, Bosi (2002, 228) nos alerta que “nem sempre a negatividade se sustém em alto nível de tensão, de alerta cognitivo. Nem sempre o foco da escrita se contém e guarda em silêncio palavras e juízos. Às vezes a linguagem do narrador decai a gesto brusco de rejeição e roça a violência.” E sobre seu desentendimento

com Sebastião Hora ele conclui, "Para o diabo" (R. v.1, 352)

Graciliano Ramos, escritor que gostava de lapidar e cortar os excessos das palavras, e dono de uma escrita sempre concisa e de enunciados que dizem o necessário, sem excrescências e sem rodeios, o autor-personagem-narrador nos revela um lado da sua vida que se inter-relaciona com a da história do país, e ultrapassa os limites aos quais já não cabe à literatura interpretar, mas aos seus leitores. Um livro de memórias que ocupado por um grupo é contado sob o olhar instigador de um escritor, também parte desse grupo de homens e mulheres, brasileiros e estrangeiros que vivenciaram o horror de ter sua liberdade contestada e/ou roubada por um período de tempo ou para sempre. Os rastros dessa história ficam registrados nesse livro em forma de testamento para todos aqueles que vêm na literatura ainda um lugar de manifestação de uma realidade real ou ficcional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BRAIT, Beth. *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: contexto, 2010

HALBACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou - São Paulo: Centauro, 2003.

KINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*: Bernardo Carvalho, Fernando Vallejo, Washington Cucurto, João Gilberto Noll, César Aira, Silviano Santiago. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Volume I-II, 40ª ed. – Rio, São Paulo: Record, 2004.

_____. *Memórias do Cárcere*. Volume II-II, 40ª ed. – Rio, São Paulo: Record, 2004.

PINHO, Adeitalo Manoel. *Perfeitas memórias: literatura, experiência e invenção*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

